



UM LEGADO ESQUECIDO: O TURISMO E A MEMÓRIA DA ESCRAVATURA EM PELOTAS NA CONTEMPORANEIDADE

Resumo

O presente trabalho propõe um olhar crítico sobre o desenvolvimento de uma cidade turística cujo patrimônio histórico material, composto por prédios históricos e charqueadas, resultou de uma economia baseada na produção e comercialização do charque utilizando-se de mão de obra escravizada. Trata também da involução dessa região geográfica acerca das questões que envolvem o racismo dissimulado e ainda presente em nossa sociedade e suas implicações com o turismo. Tem por objetivos registrar e analisar essencialmente o importante legado da população negra na história da cidade de Pelotas e o silenciamento de sua contribuição na memória do município. Com estes fins foi realizada pesquisa bibliográfica em livros, artigos, teses, dissertações e ensaios, bem como material midiático e relatos sobre a escravatura, racismo, turismo local e exclusão. Diante da discussão proposta, foi possível evidenciar que as relações e conflitos raciais remetem a banalização de uma sociedade que perpetua a exploração das desigualdades em nome do ganho financeiro, poder e a ausência de autenticidade.

Palavras-chave

Turismo; Escravidão; Pelotas (RS); Charqueadas.

1. Introdução

1.1 Um Legado Esquecido - A História da Escravatura em Pelotas

A escravidão na Princesa do Sul, nome pelo qual é, também, referida a cidade de Pelotas, não se diferenciava dos outros locais do Brasil, exceto pelo agravante das charqueadas, principal atividade econômica do século XVIII. A cidade se desenvolveu e prosperou explorando a economia do charque, carne salgada para maior conservação, chegando a ter grande riqueza e prestígio político no período do Império. Existiam cerca de 40 charqueadas que se utilizavam de mão de obra escravizada onde os negros eram simples mercadorias de posse de seus senhores e, como coisas, sobreviviam de maneira cruel e desumana, envoltos em dor, sofrimento e humilhação.

Com baixa expectativa de vida, os trabalhadores das charqueadas duravam somente entre 5 e 7 anos. Além do trabalho árduo, esses lugares desproviavam de qualquer saneamento básico, onde proliferavam insetos e doenças. O gado abatido e seus restos mortais eram escoados para o Canal São Gonçalo, bem como para arroios próximos onde se localizavam os estabelecimentos saladeiros, sendo o cheiro de sangue e carne pútrida insuportável. Trabalhar nesses locais, mais do que um castigo, era uma sentença de morte.

A área urbana crescia, modernizava-se, a população urbanizava-se. Ao mesmo tempo, era invadida pelos cheiros nauseabundos dos sangues putrefatos, dos excrementos apodrecidos, das vísceras deterioradas, dos ossos carbonizados, das nuvens de moscas e de fumaças das gorduras fervidas na zona fabril. (GUTIERREZ, 2004, p. 144)

Pelotas chegou a ter metade de sua população composta de escravizados no início do desenvolvimento e às vésperas de sua emancipação de Rio Grande, sendo o local com maior número de escravizados no Rio Grande do Sul. Com a Lei do Ventre Livre, os senhores tornaram-se obrigados a cadastrar seus cativos e, conseqüentemente, pagar uma taxa anual de posse. Dessa maneira, muitos



idosos, doentes, inválidos e pessoas não produtivas foram alforriadas no intuito de isentarem-se dos impostos e da responsabilidade por sua sobrevivência.

Conforme o filme documental *O Grande Tambor*, de Turck e Valentim (2010), em um certo momento choveu sangue na cidade do charque. O arroio Pelotas, que também era conhecido como rio vermelho em razão da enorme quantidade de dejetos despejados ao longo do mesmo (cerca de 37 charqueadas e 300/600 bois abatidos por dia em cada estabelecimento), lavou-se em sangue derramado do céu.

De acordo com o apresentado no mesmo filme, a conhecida Praça dos Enforcados da Princesa, é popularmente reconhecida por esse nome devido às punições públicas que lá ocorriam, onde os negros indisciplinados ou com histórico de fugas eram enforcados como exemplo aos demais, bem como forma de entretenimento da sociedade pelotense, que aplaudia. Comenta-se que na Praça Coronel Pedro Osório, conhecido local de castigos e humilhações, cujo pelourinho foi emudecido ao ser encoberto pela majestosa Fonte das Nereidas (em 1873), ao encostar-se o ouvido no chão e alcançar o mais profundo silêncio da alma, ainda é possível ouvir os ancestrais sussurros e lamúrias dos escravos castigados e dos bois nos matadouros.

Não obstante todo o sofrimento com a brutal rotina de trabalho pesado e seus consequentes resultados como reumatismo, traumas e acidentes, ainda havia as severas punições: humilhações, açoites e castigos públicos para desestimular fugas e desobediência com também tristes consequências: gangrena, amputações e até mesmo morte. Por se tratar de um momento em que a medicina possuía um limitado conhecimento, muitos escravizados sequer tinham um diagnóstico e prognóstico decente e, portanto, qualquer chance de efetivo restabelecimento.

Assim, com a abolição da escravatura em 1888, essas pessoas foram entregues à própria sorte, abandonadas em um país que nada lhes ofereceu, pelo contrário, até sua dignidade usurpou.

Dessa maneira e diante a injustiça histórica com os escravizados, tornam-se necessários estudos e pesquisas que evidenciem as razões de tamanha diferença socioeconômica e como foram construídas as bases que, nos dias de hoje, ainda sustentam o racismo dissimulado na cidade e permanecem sendo exploradas, por intermédio do turismo, inclusive.

2. Metodologia

Foi realizada pesquisa bibliográfica em livros, artigos, teses, dissertações e ensaios, bem como material midiático e relatos sobre a escravatura, racismo, turismo e exclusão. Os dados obtidos são apresentados em Resultados e Discussões.

3. Resultados e Discussões

3.1 Turismo, Lugares de Memória e o Negro em Pelotas: Um olhar do Sal ao Açúcar

Pelotas é também reconhecida nacionalmente pela produção de seus deliciosos doces artesanais de origem portuguesa em sua maioria. Atualmente a cidade explora, dentre outras atrações turísticas, as belas charqueadas que se transformaram em hotéis de charme e locais para realização de eventos, visitas teleguiadas a até mesmo passeios de barco pelo Arroio Pelotas. Como exemplo



pode-se recorrer à Charqueada Santa Rita, que já recebeu ilustres visitantes como os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rouseff ministra na época (Charqueada Santa Rita, 2019), e a Charqueada São João, que foi escolhida como um dos cenários para gravação do filme O Tempo e O Vento em 2012 e a minissérie A Casa das Sete Mulheres em 2002, produzidos pela Rede Globo de Televisão (Charqueada São João, 2019), conforme divulgado nos próprios sites dos locais.

Por tratar-se de uma cidade universitária, há grande concentração de formandos utilizando o lugar para ensaios fotográficos (Figura 1: Formandos Charqueadas Internet) e festas de formatura. Entretanto, a grande maioria da população desconhece a história dessas localidades que já foram espaços de barbáries e sofrimento (Figura 2: Charqueada, Varais para Charque). Nessa mistura de sal e açúcar criou-se um produto com gosto salobro.



Figura 1: Formandos Charqueadas Internet

Disponível em: <<https://www.charqueadasaojoao.com.br/servi%C3%A7os>>

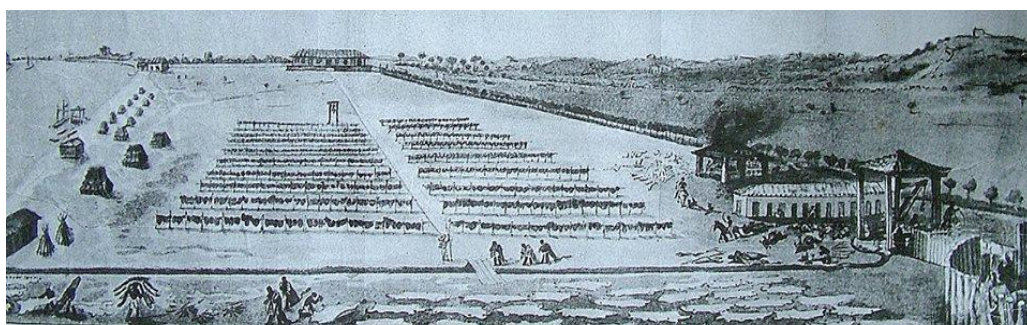


Figura 2: Charqueada, Varais para Charque

Disponível em: <<http://almanaquedepelotas.com.br/almanaque-v1.pdf>>

A imagem romantizada que é vendida, sufoca os esquecidos. Por vezes, o tema acaba sendo tratado com descaso e sem o devido respeito merecido, espetacularizando de maneira irresponsável e sem qualquer reflexão crítica, como é o caso da imersão ao passado ou “turismo histórico” realizado na Fazenda Santa Eufrásia, Vale do Paraíba, interior do Rio de Janeiro (Júlia Warken, 2016). De forma insensata, turistas são recebidos e servidos por funcionários negros vestidos de escravizados bem como pela proprietária, vestida de sinhá, num ato de total ignorância e desprezo. Entretanto, esses espaços, se olhados pela ótica da memória daqueles que foram silenciados, também podem ser ricos de história, aprendizado, respeito e empoderamento.



3.2 Doutor Kabengele Munanga: O Reconhecimento de Si no Outro

Em seu ensaio intitulado *Identidade, Cidadania e Democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil* (1996), Dr. Kabengele refere-se a questões acerca do racismo, ponto de partida para construção de estereótipos e preconceitos através de manipulações socioeconômicas e político-ideológicas. Aborda conceitos como identidade, raça e democracia racial brasileira e os conflitos decorrentes dessa falsa crença. Afirma que a raiz da problemática do racismo encontra-se, exatamente, no medo da semelhança escondida pela diferença.

Essa questão vem exatamente ao encontro ao paradoxo existente nos discursos racistas e antirracistas que, ao mesmo tempo que lutam pela separação das identidades, reivindicam o respeito das diferenças entre os opostos, ou seja, levantam a mesma bandeira em seus discursos. O autor conclui que nossa riqueza coletiva: a diversidade cultural, indispensável à sobrevivência humana, é a principal fonte dos problemas enfrentados, justamente em razão da manipulação ideológica, política e psicológica existente em nossa sociedade. Entretanto, afirma que a solução se encontra numa educação multicultural que deverá ser realizada durante o processo de formação da cidadania para que, então, torne-se possível a construção de uma verdadeira democracia. Em sua linha de pensamento, o autor afirma que “a identidade e o racismo não são estáticos”, agregando legitimidade ao seu raciocínio.

Permanecemos acorrentados e escravos de nós mesmos: de nossas paixões, nossos temores, nossos desejos, nosso egoísmo. O racismo existe no Brasil e Pelotas ergueu-se sobre terras banhadas pelo sangue e sofrimento dos negros, que são os verdadeiros grandes responsáveis pelas riquezas que projetaram a cidade por todo país. Como ressalta Dr. Munanga, o racismo esconde-se no medo da semelhança, ou seja, o reconhecimento de si mesmo no outro. O racismo reside no temor da perda do privilégio, pois para alguém ser privilegiado outra pessoa precisa perder essa mesma prerrogativa. Para isso é preciso reconhecer esse jogo de domínio e vantagens, o que implicaria em perdas e igualdades. Há um discurso indiscernível entre oprimidos e opressores.

O negro, dilacerado de sua pátria mãe, sua família, seu povo e seus costumes foi covardemente injustiçado, desrespeitado e explorado, sendo reduzido pela sociedade a um bastardo cor de ébano, uma mercadoria. Todo preconceito e estereótipos arraigados ao longo da história da humanidade reforçam esse sentimento de impotência perante tão triste destino e permanecem até os dias de hoje, podendo ser comprovado nas dificuldades que ainda enfrentam. O negro foi usado, oprimido, abusado e abandonado à própria sorte. Veio para Pelotas para ser posse de alguém, valendo menos que o gado que era obrigado a matar e com o único propósito imposto de servir alguma pessoa. Ainda marginalizado, enfrenta diariamente obstáculos invisíveis aos olhos de uma sociedade que não quer enxergar, que finge que está tudo bem e que simplesmente não se importa. Ele assim, permanecendo invisível, torna tudo mais fácil e a hipocrisia faz vistas grossas.

3.3 Ações Afirmativas

Na atualidade, a Dra. PhD Rosemar Gomes Lemos, chefe do NUAAD - Núcleo de Ações Afirmativas e Diversidade da UFPel – Universidade Federal de Pelotas, adverte que a desigualdade social, não somente no ambiente



universitário, mas em toda nossa sociedade também se reflete em diversos setores:

Difícilmente negros se encontram em cargos de poder, ainda que muitos deles tenham um alto nível de estudo, o que demonstra a necessidade de cada vez mais discussões, determinando estratégias que vençam tais barreiras e possibilitem que os negros exerçam cargos condizentes com suas titulações. (LEMOS, 2017)

Lemos (2017) ressalta, ainda, a importante questão do extermínio da juventude negra, quando muitos sequer conseguem completar o Ensino Médio: “São mortos antes disso por motivos banais que refletem uma discriminação racial socialmente intrínseca”, explica.

Adverte também sobre a afirmação contida no hino do Rio Grande do Sul, que diz “Povo que não tem virtude acaba por ser escravo”, que ainda é cantado, um absurdo que perpetua essa intolerância não somente em Pelotas.

Dessa forma é possível perceber que pouco mudou no transcorrer dos séculos, onde o espectro dessas injustiças que alimentaram a exploração, discriminação e segregação ainda exercem forte influência na sociedade pelotense.

4. Considerações Finais

Todas as questões anteriormente explanadas possuem significação direta com a escravatura colonial e contemporânea: relações de poder, transformações culturais, apatia social, conflitos raciais, consumo da pobreza, manipulação midiática, ausência/precariedade de políticas públicas etc. e remetem a um paradoxo da verdade encoberta: a banalização de uma sociedade que perpetua a exploração das desigualdades, a ação dissimulada em nome do ganho financeiro, poder e ausência de autenticidade.

Não somente a cidade vivencia uma realidade distorcida, onde os próprios moradores desconhecem a real história da escravatura e horror das charqueadas, como ainda permanece explorando os escravizados até por intermédio do turismo, quando não faz referência a sua verdadeira importância no passado e no presente. Essa invisibilidade da cultura negra pode ser observada, inclusive, nos próprios museus da cidade, que são mantidos por intermédio de iniciativas da Secult - Secretaria de Cultura, instituições e universidades.

Esse racismo ainda tão presente em nossa sociedade, principalmente na cidade de Pelotas, precisa ser desconstruído. Para tanto, torna-se necessária a continuidade de diversificados estudos e ações que contemplem o tema.

Referências

CHARQUEADA SANTA RITA, 2019. Disponível em: <<https://www.charqueadasantarita.com.br/>> Acesso em: 01 maio 2019.

CHARQUEADA SÃO JOÃO, 2019. Disponível em: <<https://www.charqueadasaojoao.com.br/>> Acesso em: 01 maio 2019.

GUTIERREZ, E. **Barro e Sangue**. Pelotas: Editora da UFPel, 2004.



LEMOS, Rosemar Gomes. “Autodeclaração como preto ou pardo ainda é baixa na UFPel”. **NUAAD, Núcleo de Ações Afirmativas e Diversidade da UFPel.**, 2017. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/naaf/>> Acesso em: 12 maio 2018

MUNANGA, Kabengele. Identidade, Cidadania e Democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 17-24, dez. 2006. ISSN 2178-3284

O GRANDE TAMBOR. Direção e Produção de Gustavo Turck e Sérgio Valentim. Brasil: Produção Independente, 2010. 124min. Digital.

WARKEN, Júlia. Escravidão é tratada como atração turística em fazenda no RJ In. **M de Mulher**. 2016. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/cultura/escravidao-e-tratada-como-atracaoturistica-em-fazenda-no-rj/>> Acesso em 12/maio/2018.